

The search for an Intent: (re)reading Palazzo Silvestri Rivaldi, in Rome

Bernardo Silva¹, Helder Casal Ribeiro²

¹Student at Faculty of Architecture, University of Porto, Portugal

²Auxiliary Professor FAUP; Researcher CEAU – FAUP Group Atlas da Casa – Identidade e Transferência

O *Palazzo Silvestri Rivaldi*, é atualmente um lugar esquecido. Apresenta-se, hoje, fortemente descaracterizado, consequência de sucessivas adições, agravado pela falta de manutenção tanto do Palazzo como do seu jardim e acentuado pelos problemas urbanos. Sem uma relação clara com a malha urbana envolvente, surge invisível na cidade, necessitando de uma intervenção urgente.

O *Palazzo Silvestri Rivaldi*, propriedade dos *Istituti di Santa Maria in Aquiro* desde 1975, é um complexo de edifícios renascentistas em Roma, composto por dois edifícios principais (um palácio e uma vila), e ainda outras construções e jardins adjacentes. Situado num dos pontos mais significativos da cidade: no coração da área arqueológica, o *Palazzo Silvestri Rivaldi* de grande importância histórica e cultural, cria não apenas uma relação visual, mas também uma conexão urbana com o Coliseu e o Fórum Romano.

A génese do conjunto reporta para janeiro de 1542, quando Eurialo Silvestri da Cingoli, *cubicularius* de Paulo III Farnese e reitor *da Chiesa di Santa Maria Arcus Aurei*, concede a Ascanio Silvestri, seu sobrinho, o arrendamento de uma *domuncula* com uma zona composta por uma horta e uma vinha anexa, adjacente à igreja, numa área da cidade de grande valor simbólico e paisagístico - a *Collina della Velia* - com ramificações do Fórum Romano e vista para o Coliseu. Ascanio fica, assim, encarregue de restaurar a *domuncula* e construir cercas na vinha e uma *domus* de raiz, pagando aluguer anual à igreja.

Em abril do mesmo ano, um segundo ato especifica novos termos de arrendamento, substituindo o anterior. Neste ato está incluído, agora, uma segunda zona, equipada com cisterna e poço. É acordada ainda a demolição da *domuncula* e a construção de uma *domus*, que ocupa a área inicial e a nova área contígua.

A expansão da *domus* ao longo da estrada, *atual via del Tempio della Pace*, em 1544, leva à demolição da *Chiesa di Santa Maria Arcus Aurea* e, mais tarde, de forma a expandir os jardins na direção do Coliseu, a *cappella di Santa Margharita*.

Euralio Silvestri deixa de estar satisfeito com a construção de uma simples *domus*. Deste modo, Ascanio assume a construção de um *Palazzo*. Estima-se que terá sido Antonio da Sangalo o arquiteto responsável pela sua construção até meados de 1546, ano da sua morte, perdendo a oportunidade de ver a obra acabada e justificando assim a falta de definição arquitetónica do *Palazzo* ou, mesmo, de um documento que mencione o *Palazzo* entre as suas obras.

Durante este período, são produzidos frescos nas divisões nobres do *Palazzo*, atribuídos a Perin del Vaga, ajudante de Rafael Sanzio na realização dos frescos nas galerias do Vaticano. É também reunida uma grande e importante coleção de estátuas que passam a ornamentar o *Palazzo* e o jardim e que contribuem para um crescente valor artístico do conjunto, no círculo social da cidade.

Após a morte de Antonio da Sangalo, Mario Maccaroni, empresário, construtor de navios e “*misuratore*” que trabalhava com os engenheiros de Sangalo, assume o papel de superintendente e perito de Arquitetura nas obras do *Palazzo*. Em 1547, a sua construção está quase terminada e são concedidas mais duas áreas a Silvestri: uma primeira por cima do *Tempio della Pace*, para fazer um jardim com vista prestigiada do *Campo Vaccino*, e um terreno na direção do Coliseu onde se encontrava a *Chiesa di Santa Maria de Portugallo* e a *Torre della Contessa*, de forma a expandir o terreno e os jardins. A *Torre della Contessa* continua intacta até 1626, ano em que é destruída para dar espaço ao *Casino Nuovo* do Cardeal Pio di Savoia.

Após a morte de Paulo III, Euralio Silvestri, perde apoio político e económico, obrigando-o a viver no *Palazzo Silvestri* até 1550, suspendendo a sua construção e o arranjo dos jardins. Em 1565, o *Palazzo* é considerado devoluto e é transferido para o cardeal Alessandro de Medici, que mais tarde tornar-se-á *Papa Leone XI* (undicesimo). Alessandro, em 1567, encomenda a Jacopo del Duca o arranjo dos jardins, elemento que caracteriza vivamente a atmosfera de todo o conjunto.

Em 1660, o *Conservatorio delle Zitelle Mendicanti* toma posse do *Palazzo Silvestri*, que conseqüentemente recebe o nome de *Villa Rivaldi* e até 1950 funciona como sede de uma instituição de caridade. Esta mudança de uso provocou inevitavelmente mudanças no edifício, tanto do ponto de vista arquitetônico como funcional e das estruturas decorativas. O edifício é ampliado, acrescentando dois pisos ao volume principal e atribuindo-lhe uma nova escala na malha urbana. As salas passam a ser usadas como dormitórios, salas de estar, cozinhas e locais de oração, enquanto o novo corpo do *Palazzo* serve de escola.

Até 1931, a integridade do traçado dos jardins originais é mantida, contudo o fascismo de Mussolini, assente em princípios urbanos autoritários, dá início às escavações da *Collina della Velia*, para abrir a *Via dei Fori Imperiali*, que passa a conectar o Coliseu e a *Piazza Venezia*. Neste processo são encontrados vários vestígios arqueológicos nos terrenos da *Villa Rivaldi*, que remontam da pré-história de Roma à construção do *Palazzo Silvestri*. Com o corte da via é construído um terraço por Antonio Muñoz, de forma a desenhar a fachada da própria via e a conter o que resta do jardim da *Villa*. Ainda neste período, o *Casino Nuovo* do Cardeal Pio di Savoia é igualmente demolido.

Deste momento até aos dias de hoje vão surgindo várias propostas para requalificar a *Villa* ou a área em que se insere. Destaca-se, nos anos 30, o lançamento de um concurso de arquitetura na área da *Villa Rivaldi*, para a construção do *Palazzo Littorio*, que passaria a ser a sede de uma exposição permanente da Revolução Fascista e lugar simbólico do regime na cidade. Neste concurso surgem nomes importantes da arquitetura italiana da época, como Adalberto Libera, que aborda o tema da curva e da sobriedade decorativa; o estúdio BBPR, constituído por: Gianluigi Banfi, Lodovico Barbiano, Enrico Peressutti e Ernesto Nathan Rogers, com uma proposta de volumes inspirados no *purismo plastico moderno*.

E com a proposta vencedora, Giuseppe Terragni, que apresenta duas soluções distintas: uma com volumes independentes entre si, com o intuito de acentuar a perspetiva da *Via dei Fori Imperiali*, e outra volumetricamente mais homogénea, com corpos envidraçados que surgem de uma base que cobre praticamente todo o terreno.

Em 1975, a *Villa Silvestri-Rivaldi* passa a ser propriedade dos *Istituti di Santa Maria in Aquiro* (ISMA), onde se praticam atividades culturais, como teatro e exposições de arte contemporânea. Nos anos 80, surge uma proposta de *Archeologia inversa*: A câmara de Roma propõe a reconstrução dos jardins da *Villa Rivaldi*, oferecendo à cidade, tanto locais de lazer,

como observatórios panorâmicos privilegiados sobre a área arqueológica vizinha e fechando, desta forma, a *Via dei Fori Imperiali*, transformando a área sob o jardim num museu.

Contudo, estas intervenções e estratégias entendem o conjunto de forma fragmentada e sem reformular, de forma clara, o sentido urbano do conjunto, ou seja, um novo desígnio para a Villa Silvestre Rivaldi.

Assim, torna-se hoje, imperativo procurar uma forma de intervir na Villa Silvestre, um conjunto de valor preponderante na história de Roma e que, como tal, deve voltar a ser aberto à comunidade e a ter um papel relevante na vida da cidade.

Qual será o novo papel deste edifício? Como deve ser entendido? Surgem assim várias formas de interpretar o futuro do conjunto, a partir da compreensão do seu passado.

Será que o Palazzo deve albergar novos programas? A sua compartimentação tipomorfológica, permite outro tipo de ocupação? Que programas poderão ser? Ou será que o Palazzo, tendo em conta a sua história, deve viver a partir do carácter dos seus espaços internos e externos. Ao albergar novos programas, deve-se intervir diretamente no Palazzo mantendo a sua matriz e respeitando a tradição italiana como são exemplos o Palazzo Bianco e o Palazzo Rosso de Albini?

Ou deve-se considerar que o Palazzo é em si um elemento de valor arquitetónico, que deve ser percecionado na sua real dimensão, sem ser perturbado e que a atmosfera que os espaços encerram deve ser preservada?

Qual poderá ser o papel do jardim ou áreas envolventes na transformação ou intervenção da *Villa*? Será necessário criar um volume autónomo que dialoga com ele, associando-o ao jardim? Deve-se tirar partido da topografia do jardim e, a partir das suas diferenças de cotas e das ruas circundantes, inserir o novo programa? Deve-se atribuir um novo significado ao Palazzo ou inseri-lo num conjunto Contemporâneo?

De forma a interpretar o futuro do conjunto deve-se considerar uma leitura informada do Palazzo Silvestri Rivaldi. Deste modo, tornar-se-á possível realizar uma leitura subjetiva do Palazzo, no qual se expressam os pontos de maior interesse que possam suscitar novas propostas de intervenção, conectando desta forma o Palazzo às necessidades atuais da cidade e reforçando assim o seu interesse arquitetónico, histórico e cultural.